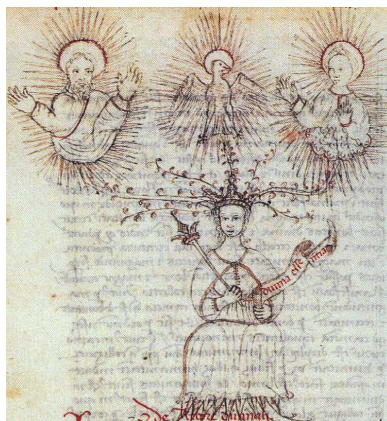


Hildegard de Bingen: o excepcional percurso de uma visionária medieval
Hildegard of Bingen (1098-1179): the Exceptional Way of a Medieval Visionary Woman
Hildegard von Bingen (1098-1179): der außergewöhnliche Weg einer mittelalterlichen Visionärin



Carmen Lícia Palazzo¹

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar alguns aspectos da imensa obra da monja e visionária Hildegard de Bingen, relacionando sua aceitação com o contexto do século XII e sugerindo algumas possibilidades de pesquisa.

O debate entre os monges de Cister e de Cluny e as severas críticas aos ensinamentos de Abelardo por parte de Bernardo de Claraval constituem-se, em nosso entender, em elementos essenciais a serem considerados para explicar o apoio direto da Igreja aos textos e à pessoa de Hildegard. No entanto, foi sem dúvida a qualidade de seu trabalho e sua prodigiosa inteligência que consolidaram o sucesso alcançado, não apenas como visionária mas também como compositora, conselheira e terapeuta.

Abstract: The goal of this article is to present a few aspects of the extensive body of work by the visionary nun Hildegard of Bingen, relating her acceptance with the 12th century context and suggesting certain research possibilities.

The debate among monks of Cister and Cluny and the severe criticism to Abelard's teachings by Bernard of Clairvaux constitute, in my opinion, an essential elements to be considered in order to explain the direct support by the Church to Hildegard's texts and Hildegard as a person. However, it was certainly the quality of her work and her prodigious intelligence that consolidated her achievements not only as a visionary but also as composer, counsellor and therapist.

Palavras-chave: Hildegard de Bingen - mulher - Idade Média - Igreja.

Keywords: Hildegard of Bingen – visionary woman – Middle Ages - Church

¹ UniCEUB, Brasília.

Introdução

No decorrer do século XI e até meados do século XII, propagou-se na Europa a imagem da vida monástica entendida como possibilidade de pureza e perfeição em meio a toda uma efervescência religiosa que trazia à luz disputas e debates em torno do sagrado mas também do poder. Longe de representar uma separação total e completa do mundo, um isolamento absoluto, a clausura foi, em muitos casos, um lugar de reflexão e de florescimento de novas idéias, mais do que de fuga.

A regra beneditina recebeu interpretações distintas o suficiente para dar espaço a visões tão opostas umas das outras quanto as dos monges de Cister e de Cluny (BERLIOZ, 1996: 49). Não é de estranhar, portanto, que dos mosteiros tenham surgido, muitas vezes, personalidades fortes e reformadoras da estatura de Bernardo de Claraval e de Pedro, o *Venerável*, entre outros.

Hildegard, que futuramente seria conhecida como de Bingen, nascida em 1098, na localidade de Bermersheim, próxima a Mainz, em uma família da nobreza germânica, foi encaminhada muito cedo, provavelmente aos oito anos de idade, ao mosteiro de São Disibod, para ser educada na clausura, sob a orientação da reclusa Jutta de Spanheim. Jutta, igualmente de família nobre, encarregou-se da orientação espiritual de sua pupila ensinando-a também a ler e a escrever em latim, o que incluía a memorização dos salmos (PERNOUD, 1996: 14).

No contexto da época, a entrada em uma instituição religiosa, para as mulheres pertencentes à nobreza, pode ser interpretada de diversas maneiras. Muitas vezes as jovens eram enviadas por suas famílias para seguir definitivamente a vida religiosa mas, em outros casos, apenas para que tivessem acesso a uma educação de qualidade, que não lhes seria possível em outros ambientes.

É interessante lembrar, também, ao analisar o percurso desta mulher excepcional que foi Hildegard, que o mosteiro representava, na Idade Média, a possibilidade de liberação do peso da maternidade. A submissão à regra beneditina possuía outras características, diferentes da submissão ao papel de esposa e mãe, que pouco ou mesmo nenhum espaço reservava a aspirações de ordem intelectual.

No entanto, é evidente que tais considerações não estavam sempre presentes de forma explícita quando os pais encaminhavam suas filhas a uma determinada ordem. Mas, no decorrer da existência de cada uma, teciam-se fatores diversos que permitiam muitas vezes o desenrolar de uma história de

vida favorecida pelo recolhimento, pela contemplação e pela ausência de obrigações familiares.

O fato de Hildegard ter aprendido muito cedo a ler e a escrever em latim foi uma condição essencial para que pudesse manter, mais adiante, um considerável relacionamento epistolar com destacadas figuras de sua época. Mas são suas visões, cujo registro principal se encontra no *Scivias*, obra em três volumes, escrita entre 1141 e 1151, que a colocarão em uma posição de destaque, atraindo a atenção das autoridades eclesiásticas (HILDEGARD, *Scivias*, 1978).

A obra visionária

Hildegard afirma que, ainda quando criança, costumava ver o que não estava evidente para mais ninguém (MEWS in NEWMAN, 1998: 53). Ela mesma faz, portanto, remontar sua característica de visionária à infância, muito embora só tenha iniciado os relatos escritos na idade madura. Alguns estudos atribuem suas visões a uma patologia específica denominada migraine. Popularmente associada a dores de cabeça crônicas, as crises de migraine podem, no entanto, manifestar-se com outras características, entre elas o surgimento de raios de luz de diversas cores.

A historiadora Sabina Flanagan examina com muito detalhe as questões relativas às origens das visões de Hildegard, apontando para as alterações dos níveis de consciência, as alucinações e o aparecimento de auras (FLANAGAN, 1998: 191-193). Acreditamos, no entanto, que para a análise histórica, mais essencial do que o debate sobre as origens das visões de Hildegard, é o entendimento de como foi possível que uma mulher, no século XII, época marcadamente dominada pelo saber masculino, chegasse a alcançar tamanho destaque e reconhecimento.

O *Scivias*, abreviatura de *Scito vias Domini* foi seu primeiro livro, no qual, auxiliada pelo monge Volmar, registrou com grande riqueza de detalhes vinte e seis visões. Foi também o ponto de partida para tornar Hildegard não apenas conhecida mas sobretudo aceita como autoridade nos mais variados assuntos tanto religiosos quanto relativos ao comportamento humano e à natureza.

Mais do que uma simples descrição do material visionário, o *Scivias* compreende também explicações detalhadas, que são dadas com o objetivo de tornar claro o sentido das imagens. O processo é o seguinte: Hildegard

apresenta, em toda sua exuberância, uma determinada visão e, em seguida, desvenda seu significado mas deixando sempre muito claro que não o faz por seu próprio entendimento e sim reproduzindo palavras divinas. Há uma constante passagem da representação iconográfica à fase discursiva e assim fecha-se a explicação, o que não impede mas dificulta a possibilidade de um grande espaço livre para a interpretação do leitor (HILDEGARD, Scivias, 1978).

O *Scivias* compreende três partes, a primeira relatando seis visões, a segunda, sete visões e a terceira, treze. (HILDEGARD, Scivias, 1978). Como bem explica Marcial Maçaneiro, “o livro segue a manifestação das visões. Não tem o formato de um trabalho teológico, mas se costura com alguns ‘fios teológicos’ que lhe conferem textura. Os fios são: criação, salvação, Verbo, Igreja e humanidade. O estilo literário é profético” (MAÇANEIRO, 2000: 139).

O *maravilhoso medieval* é desvendado na escrita de Hildegard, tendo sempre presente o ser humano e a relação Cosmos-Humanidade-Natureza, o que fornece a possibilidade de pensar o todo sem deixar de considerar as suas partes. As visões de Hildegard perpassam grande parte de seus trabalhos e a elas a monja faz constantes referências. Mas, de caráter explicitamente visionário, além do *Scivias*, há o *Liber Vitae Meritorum*, escrito entre 1158 e 1163, e o *Liber Divinorum Operum Simplicis Homini*, escrito entre 1163 e 1173 (HOZESKI, “Introdução”. In: HILDEGARD, *The Book of the Rewards of Life*, 1994: xiii). Em conjunto, estas três obras compõem um quadro muito denso, que abrange desde um elaborado enfoque de temas cosmológicos, até uma detalhada análise de vícios e virtudes, sob um refinado prisma psicológico.

Reconhecimento e autoridade

O interesse de Bernardo de Claraval foi decisivo para que o *Scivias* recebesse irrestrita aprovação. Em 1147 o Papa Eugênio III, também cisterciense e antigo discípulo de Bernardo, convocou um sínodo a ser realizado em Trier, no qual o tema principal seria o problema da ingerência da nobreza em assuntos da Igreja, especialmente na indicação de abades e bispos.

Preocupações com as heresias e a defesa da ortodoxia também estavam entre as grandes questões do momento. Nesta oportunidade, aproveitando a presença da mais alta autoridade eclesiástica em terras germânicas, o arcebispo de Mainz, certamente interessado em divulgar seu arcebispado, trata de anunciar a Eugenio III a obra de Hildegard, ainda em andamento. O Papa envia, então, uma comissão a Disibodenberg com o objetivo de avaliar o

trabalho da monja, recebendo em seguida uma parte já escrita do *Scivias*, que aprova de imediato (FLANAGAN, 1998: 5).

Bernardo de Claraval, que é uma das figuras de maior destaque no sínodo, já tinha tomado conhecimento, anteriormente, do trabalho que Hildegard vinha desenvolvendo, através de uma carta que ela própria lhe havia enviado. Sua opinião favorável, de franco apoio, foi fundamental para a aprovação de Eugênio III (MAÇANEIRO, 2000: 139).

Para que se entenda melhor todo o contexto, é importante lembrar que Bernardo lidera o movimento que pretende não apenas diminuir a influência da nobreza nos assuntos da Igreja mas também recuperar a austeridade que os cistercienses consideram ameaçada pelo estilo de vida dos monges de Cluny. Além disto, há vários anos, o próprio Bernardo havia sido também um ferrenho opositor aos ensinamentos de Abelardo, a quem condenou em nome da ortodoxia religiosa (BERLIOZ, 1994: 50).

Abelardo, que já havia falecido em 1142, antes portanto da convocação do sínodo, mas cujos escritos continuavam circulando e sendo lidos, foi um professor brilhante e carismático que procurou adequar as Escrituras ao pensamento racional e recorreu à lógica aristotélica enquanto instrumento de explicação de dogmas como o da Santíssima Trindade (VERGER, 1994: 62). Seus ensinamentos, porém, estavam muito afastados da ortodoxia defendida não apenas por Bernardo mas pelos cistercienses em geral. Entre estes dois enfoques situava-se o debate religioso da época e, em meados do século XII, a posição oficial da Igreja pendia para o lado mais afirmativo e menos predisposto a questionar os ensinamentos estabelecidos.

As autoridades eclesiásticas procuravam evitar a contestação, já que havia também o fator de risco representado por movimentos considerados heréticos. Especialmente temida era a heresia dos cátaros, muito ativa e em expansão, pregando a pureza absoluta e uma visão maniqueísta do mundo, que atraía os descontentes num momento em que muitos clérigos eram acusados de desvios morais (BAIRD e EHRMAN, "Introdução". *In*: HILDEGARD, *Letters*: 13).

Em nosso entender, dentro deste quadro é possível encontrar os motivos que explicam como Bernardo de Claraval acolheu de forma tão positiva os relatos das visões de Hildegard. Ao abraçar o universo visionário de uma monja até então não muito conhecida, ele obtinha material que reforçava tanto a sua desaprovação aos luxos dos monges de Cluny quanto a autoridade de suas críticas na condenação de ensinamentos como os de Abelardo.

O conteúdo do maravilhoso inerente à própria idéia de visões era uma alternativa ao uso sistemático da dialética e à busca de explicações racionais que marcaram o percurso intelectual abelardiano. A inegável riqueza das descrições contidas no *Scivias* poderia ter aberto espaço para interpretações que fugissem à ortodoxia religiosa. No entanto, como as discussões no decorrer de todo o século XII se encontravam polarizadas entre os que defendiam a possibilidade de exame das questões da fé à luz da razão e aqueles para os quais a verdade revelada não necessitava de explicações intelectuais, teria sido impossível uma leitura do material visionário de Hildegard com maior liberdade sem que sua autora corresse o risco de ser classificada como herética. A ela, não restava outra opção a não ser a de se afirmar exclusivamente como um veículo para as revelações divinas. Com este ponto de partida, foi-lhe possível, passo a passo, estabelecer sua própria autoridade em outros aspectos, como conselheira, terapeuta, compositora e fundadora de dois mosteiros femininos.

Recebida a aprovação do Papa Eugênio III e o amplo apoio de Bernardo, Hildegard passou a assumir maior visibilidade também na sua própria comunidade.

Na medida em que insistia em seus escritos que não era uma pessoa culta e que seus conhecimentos eram rudimentares (NEWMAN, 1998: 6-7), o que relatava era lido como palavras divinas, que não tinham sido elaboradas e nem passado por sua interpretação. A humildade constantemente afirmada, porém, contrastava com suas atitudes e com a maneira decidida e independente como dirigia as companheiras no mosteiro.

Desde a morte de sua tutora Jutta, em 1136, Hildegard tornara-se ela própria responsável pela parte feminina do mosteiro de São Disibod. Com o reconhecimento crescente de seus escritos e de suas qualidades de visionária, a subordinação ao mosteiro principal, masculino já não lhe favorecia.

Não sem conflitos com os monges, Hildegard funda inicialmente o convento de São Rupert, próximo a Bingen, onde se instala a partir de 1152 (ENGEN. *In*: NEWMAN, 1998: 30-51) e onde, como abadessa, passa a ter maior liberdade. Mais adiante funda uma segunda casa, em Eibingen pois à medida em que seu nome torna-se conhecido, já então como Hildegard de Bingen, cresce o número de nobres que desejam colocar as filhas sob os cuidados de uma figura de tanto prestígio.

Afirmação e independência

Hildegard de Bingen foi não apenas autorizada a divulgar todo um complexo quadro visionário, mas também a pregar em público na sua região e em diversas outras cidades, o que era espantoso para uma mulher, em qualquer fase da história da Igreja, e especialmente na Idade Média. Com o crescimento de sua fama, aumentaram também as consultas que lhe eram feitas por carta (HILDEGARD, *Letters*, 1994).

A correspondência que Hildegard trocou, tanto com grandes personalidades de sua época quanto com desconhecidos, foi muito vasta, evidenciando seu papel de conselheira para diversos assuntos. Tendo sido reconhecida pelo próprio Papa Eugênio III como visionária, passou a ser considerada, então, capaz de responder a questões sobre os males do espírito e do corpo e também sobre temas ligados à política da época. Além disto, ela mesma tomou a iniciativa, quando julgou necessário, de dirigir-se a diversas pessoas para fazer admoestações sobre comportamentos ou para dar apoio em determinadas circunstâncias (HILDEGARD, *Letters*, 1994, principalmente cartas escritas a bispos e abades). Hildegard era, implicitamente, aceita como profetisa em decorrência de suas características de visionária. Diversas cartas solicitavam revelações divinas das quais ela pudesse ser portadora (HILDEGARD, *Letters*, 1994: carta 29: 93; carta 48: 120; carta 87r/b: 199).

A questão sobre a qual podemos continuar refletindo e que perpassa o estudo de toda a sua obra é: porque Hildegard de Bingen foi autorizada não apenas a divulgar um rico e complexo quadro de visões, mas também a pregar em público e a difundir comentários proféticos, desfrutando sempre de um considerável grau de liberdade?

Seria enganoso, no entanto, pensar que tudo ocorreu sem qualquer contestação e que a monja germânica foi uma figura passiva e discreta, que recebeu o apoio direto das autoridades eclesíásticas, enquanto se dedicava apenas a escrever. Se, no início, como já mostramos, o apoio de Bernardo de Claraval se constituiu em um elemento essencial para que as visões relatadas no Scivias fossem reconhecidas pela Igreja, em seguida Hildegard afirmou-se tanto por sua própria capacidade de liderança de um grupo de monjas quanto pela qualidade de sua obra e pela dedicação e profundidade com as quais respondia sempre as consultas que lhe chegavam.

Por outro lado, surgiram também questionamentos e críticas. O abade Kuno, do mosteiro de São Disibod, ficou bastante descontente com a idéia de Hildegard, de fundar uma nova casa, privando-o de desfrutar da fama que sem

dúvida lhe trazia a presença da visionária (Engen. *In: NEWMAN*, 1998: 37). Ela no entanto manteve-se firme e mudou-se com suas pupilas para São Rupert, onde consolidou sua liderança.

Entre as críticas que lhe foram feitas, justamente uma delas é com relação às suas funções de abadessa e à liberdade da qual desfrutava. Em uma carta, Tengswich, superiora de Adernach, pergunta sobre as irregularidades que estariam ocorrendo entre as monjas de Hildegard, que participavam das cerimônias religiosas com os cabelos soltos, usando como parte do vestuário longos véus de seda caindo até o chão e adornadas de anéis de ouro, demonstrando, assim, pouca modéstia e preocupações com a aparência (HILDEGARD, *Letters*, 1994: carta 52: 127-128).

Hildegard responde com segurança e sem a menor intimidação. Explica que as recomendações de modéstia no penteado e no vestuário só se aplicam às mulheres casadas, que devem aparecer muito discretas na frente de outros homens. Já as virgens – e principalmente as monjas – não são obrigadas a cobrir seus cabelos e podem usar sem restrições seus longos e belos trajes brancos (HILDEGARD, *Letters*, 1994: carta 52r: 128-129). Em última análise, o que Hildegard pretende é defender os rituais próprios de seu mosteiro e, em nosso entender, sobretudo demarcar com muita clareza seu espaço, conservando sua liberdade.

Fazem parte dos cuidados da abadessa com suas monjas e com a qualidade e o refinamento dos ofícios, suas composições musicais (HILDEGARD, *Symphonia Armonie Celestium Revelationum*, 1998). Como assinala Margot Fassler, em todo o século XII não há nenhum outro corpus tão grande e tão diversificado de composições pertencente a um só autor, facilmente identificável, como é o caso das que foram escritas por Hildegard de Bingen (FASSLER. *In: NEWMAN*, 1998: 150).

O que surpreende, portanto, é não só a variedade da sua obra mas a profundidade de seus escritos, a qualidade de todos os seus trabalhos, desde os relatos das visões até a música, a poesia, a correspondência em geral e seus compêndios de medicina.

Nos livros *Physica* e *Causae et Curae*, Hildegard se debruça com olhar inquiridor sobre a natureza, pesquisando o uso terapêutico de plantas, aprofundando a tradição beneditina de manter farmácias e de dar assistência aos enfermos, nos mosteiros (GLAZE. *In: NEWMAN*, 1998: 125-148). O interesse da abadessa pela cura de enfermidades reflete sua própria visão do homem no mundo, integrado com a natureza.

Visionária, escritora, compositora, terapeuta exercendo o poder da cura através das ervas mas também de dons espirituais, como mística, pregando em domínios até então exclusivamente masculinos, não correria Hildegard o risco de uma condenação? Sua crítica firme às heresias, principalmente à dos cátaros, teria sido suficiente para afastar de todo qualquer possibilidade de acusação que recaísse sobre si mesma?

A verdade é que Hildegard moveu-se sempre com uma grande habilidade, e também com uma inteligência e sutileza extraordinárias. Soube manter o apoio que havia granjeado entre as autoridades da Igreja, mesmo depois do desaparecimento de seus protetores Bernardo de Claraval e Eugenio III, sem que para isto tivesse que abrir mão de suas convicções ou de suas severas críticas aos comportamentos de diversos representantes da Igreja (HILDEGARD, *Letters*, 1994, carta 74r: 159). A abadessa germânica viveu oitenta e um anos, tendo falecido em setembro de 1179. Manteve-se ativa até avançada idade, pois em torno de 1170 ainda realizou algumas viagens para pregar (PERNOUD, 1996: 118). Suas diversificadas atividades foram, assim, muito além do que seriam os encargos de uma religiosa visionária medieval. Uma análise atenta de tudo o que deixou escrito nos remete a importantes considerações tanto de ordem política quanto psicológica.

Conclusão

Apesar de recentemente terem surgido novos estudos sobre Hildegard de Bingen, ainda há muito para ser feito e um caminho que nos parece bastante fértil é o que venha a desenvolver uma leitura integrada de sua obra com o contexto mais amplo das discussões da época. Quem sabe mesmo um trabalho acadêmico de equipe, muito abrangente e privilegiando a interdisciplinaridade.

O simbolismo que se encontra enlaçado nos relatos das visões merece por si só uma reflexão específica. No entanto, não deve ser totalmente destacado de uma compreensão mais ampla do maravilhoso que permeia as mentalidades do século XII e que torna possível a aceitação de uma visionária, profetisa e terapeuta cujo alcance ultrapassa tudo o que se poderia esperar de uma mulher medieval.

A insistência de Hildegard em sua humildade, reafirmando constantemente ser apenas um veículo para a palavra divina, abre espaço para que o maravilhoso e o fantástico possam aflorar livre de censura em seus escritos.

Vários fatores, portanto, são fundamentais para o amplo reconhecimento de Hildegard, o que não diminui, porém, as qualidades intrínsecas da sua vasta obra, bem como sua tenacidade e sobretudo sua aguda compreensão da época e das condições políticas do momento.

Já a partir do final do século XII todas as sementes estarão lançadas para as complexas transformações que vão ocorrer em seguida, com a entrada em cena das ordens mendicantes, no século XIII e com o crescimento da importância das universidades como centros produtores de saber. Delinear-se-á, então, um mundo no qual dificilmente haverá lugar para a afirmação de uma personalidade feminina como a de Hildegard de Bingen.

Fontes

Obras de Hildegard de Bingen

a) Textos latinos

Epistolarium. Editado por L. van Acker. *Corpus Christianorum: Continuatio Mediaevalis*, v. 91, 91-a. Turnhout: Brepols, 1991 e 1993.

Liber divinorum operum. Editado por Albert Derolez e Peter Dronke. *Corpus Christianorum: Continuatio Mediaevalis*, v. 92. Turnhout: Brepols, 1996.

Liber vite meritorum. Editado por Angela Carlevaris. *Corpus Christianorum: Continuatio Mediaevalis*, v. 90. Turnhout: Brepols, 1995.

Scivias. Editado por Aldegundis Führkötter e Angela Carlevaris. *Corpus Christianorum: Continuatio Mediaevalis*, v. 43, 43-a. Turnhout: Brepols, 1978.

Symphonia Armonie Celestium Revelationum (edição bilíngüe, latim/inglês). Introdução, tradução e comentários de Barbara Newman. Ithaca: Cornell University, 1998.

b) Traduções

Scivias. Tradução de Columba Hart e Jane Bishop. New York: Paulist Classics of Western Spirituality, 1990.

Le livre des oeuvres divines (Visions). Tradução e apresentação de Bernard Gorceix. Paris: Albin Michel, 1982.

Letters. Introdução e tradução de Joseph Baird e Radd K. Ehrman. New York: Oxford University Press, 1994.

The Book of the Rewards of Life. Tradução de Bruce W. Hozeski. Oxford: Oxford University Press, 1994.

Bibliografía básica

- BEER, Frances. *Women and Mystical Experience in the Middle Ages*. Suffolk: Woodbridge, 1992.
- BERLIOZ, Jacques. *Saint Bernard en Bourgogne. Lieux et Mémoires*. Dijon: Le Bien Public, 1990.
- BERLIOZ, Jacques (apres.). *Monges e Religiosos na Idade Média*. Lisboa: Terramar, 1994.
- DRONKE, Peter. *Women Writers of the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- DRONKE, Peter. *Poetic Individuality in the Middle Ages: New Departures in Poetry (1000-1500)*. Oxford: Clarendon Press, 1970.
- FLANAGAN, Sabina. *Hildegard of Bingen: a Visionary Life*. Londres: Routledge, 1998.
- JOLIVET, Jean. *Arts du Langage et Théologie chez Abélard*. Paris: Vrin, 1969.
- LAUAND, Luiz Jean (org.). *Cultura e Educação na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MAÇANEIRO, Marcial, S. C. J. "Para conhecer Hildegarda de Bingen". In: *Grande Sinal*. Petrópolis: OFM, mar./abr. 2000, p.131-148.
- MORRIS, Colin. *The Discovery of the Individual (1050-1200)*. Toronto/Buffalo: University of Toronto Press/Medieval Academy of America, 2000.
- NEWMAN, Barbara (ed.). *Voice of the Living Light: Hildegard of Bingen and her World*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1998.
- NEWMAN, Barbara. *Sister of Wisdom: St. Hildegard's Theology of the Feminine*. Berkeley: University of California Press, 1987.
- PERNOUD, Régine. *Hildegard de Bingen: a consciência inspirada do século XII*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.